



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

JOYCE MARCELLE GUERRA DO NASCIMENTO

**A ARTE URBANA COMO POSSIBILIDADE DE EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

**RECIFE
2021**

JOYCE MARCELLE GUERRA DO NASCIMENTO

**A ARTE URBANA COMO POSSIBILIDADE DE EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Monografia apresentada ao Curso de licenciatura em Pedagogia, do Departamento de Educação da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, como requisito para a obtenção de título de licenciada em Pedagogia, orientada pela Prof.^a Dr.^a Ana Paula Abrahamian de Souza.

**RECIFE
2021**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação Universidade Federal Rural de Pernambuco

Sistema Integrado de Bibliotecas

Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

N244a Nascimento, Joyce Marcelle Guerra do
A ARTE URBANA COMO POSSIBILIDADE DE EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL /
Joyce Marcelle Guerra do Nascimento. - 2021.
53 f. : il.

Orientador: Ana Paula Abrahamian de Souza. Inclui referências.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Licenciatura em Pedagogia,
Recife, 2021.

1. Educação Infantil. 2. Experiência Estética. 3. Arte urbana. 4. Graffiti. I. Souza, Ana Paula Abrahamian de, orient. II.
Título

CDD 370

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

A ARTE URBANA COMO POSSIBILIDADE DE EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Esta monografia foi julgada como parte dos requisitos para obtenção do título de licenciada em Pedagogia, aprovada pela banca examinadora da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

Prof.^a coordenador (a) do curso em licenciatura em Pedagogia

Data da defesa: 03 de março de 2021

Horário: 11 horas

Local: Google meet Banca Examinadora:

Prof.^a Dra. Ana Paula Abrahamian de Souza
(Orientadora)

Prof. Prof. Ms. Bruno Fernandes Alves
(Examinador(a) Interno(a))

Prof.^a Prof. Dra. Fabiana Souto Lima Vida
(Examinador(a) Externo(a))

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por permitir e me capacitar a chegar até este momento, mesmo diante de todos os obstáculos enfrentados.

Agradeço a minha mãe Maria do Carmo por todo incentivo e dedicação durante minha trajetória educacional.

Agradeço ao meu companheiro por ter estado comigo nos momentos mais difíceis, por ter me ajudado a continuar na graduação.

Agradeço a minha mãe do coração Maria Cristina que a universidade me presenteou por todo cuidado, carinho, atenção, afeto, por ter sonhado comigo pela finalização deste trabalho.

Agradeço aos meus amigos que estiveram comigo nessa longa caminhada, Regina Alves, Kevin Juan, Romário pelas boas conversas e companheirismo.

Agradeço a Prof.^a Dr.^a Ana Paula Abrahamian que embarcou nesta pesquisa como minha orientadora, muito obrigada por não ter soltado a minha mão, muito obrigada pela sua paciência, dedicação e carinho durante todo o processo de construção desta pesquisa.

Agradeço a Gabrielly pelos cuidados emocionais e educacionais.

Agradeço a Prof.^a Dr.^a Maria Aparecida que esteve presente durante o desenvolvimento da pesquisa, com suas contribuições.

Saibam que este trabalho só foi possível concluir por causa da ajuda de cada um de vocês, serei eternamente grata.

RESUMO

A pesquisa em tela pretendeu analisar, a partir de experiências estético-pedagógicas com Arte Urbana, os desafios e possibilidades para a formação estética nos processos educativos escolarizados na Educação Infantil. Tomamos enquanto objetivos específicos: (1) Identificar como as crianças percebem as manifestações de arte urbana nas diferentes produções artísticas; (2) Relacionar o cotidiano das crianças com a arte urbana; e (3) Analisar as contribuições estéticas a partir das práticas pedagógicas do ensino da arte urbana com crianças. Nesse sentido, procuramos observar a potencialidade da produção dos grafites nos muros da cidade a partir do olhar das crianças. A pesquisa-ação foi tomada como aporte metodológico por percebermos a necessidade de uma forma de ação planejada de caráter social e educacional, aspectos esses presentes na proposta desse trabalho de elaboração de uma ação interventiva na educação infantil com estudantes do grupo V. Desta maneira enfatizamos o trabalho de grafiteiros de Pernambuco, podendo assim colaborar com a formação do olhar sensível das infâncias acerca do aspecto estético do grafite em nossa cidade.

Palavras-Chave: Educação Infantil. Experiência Estética. Arte urbana. Graffiti.

RESUMEN

La investigación en cuestión se propuso analizar, a partir de experiencias estético-pedagógicas con Arte Urbano, los desafíos y posibilidades de la formación estética en los procesos educativos en el jardín de infantes. Tomamos como objetivos específicos: (1) Identificar cómo los niños perciben las manifestaciones del arte urbano en diferentes producciones artísticas; (2) Relacionar la vida cotidiana de los niños con el arte urbano; y (3) Analizar las aportaciones estéticas desde las prácticas pedagógicas de la enseñanza del arte urbano con niños. En este sentido, buscamos observar la potencialidad de la producción de grafitis en las paredes de la ciudad desde el punto de vista de los niños. La investigación-acción se tomó como soporte metodológico porque nos damos cuenta de la necesidad de una forma de acción planificada de carácter social y educativo, estos aspectos están presentes en la propuesta de este trabajo para desarrollar una acción de intervención en educación infantil con alumnos del grupo V. De esta manera destacamos el trabajo de los grafiteros pernambucanos, y así podemos colaborar con la formación de la mirada sensible de los niños sobre el aspecto estético del grafiti en nuestra ciudad.

Palabras clave: Educación Infantil. Experiencia estética. Arte urbano. Graffiti.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Mandala	24
Figura 2- Arem	29
Figura 3- Boris.....	29
Figura 4- Bozó.....	30
Figura 5- Cajú.....	30
Figura 6- Derlon.....	30
Figura 7- Jeff Alan.....	30
Figura 8- Kbça	31
Figura 9- Galo de Souza	31
Figura 10- O mundo do grafite- Nicholas Graz.....	32
Figura 11- Livro Quero colo!	33
Figura 12- Bozó Bacamarte.....	40
Figura 13- Criança A	40
Figura 14- Arem	40
Figura 15- Criança B	40
Figura 16- Cajú.....	42
Figura 17- Criança C	42
Figura 18- Boris.....	42
Figura 19- Criança D.....	42
Figura 20- Bozó.....	43
Figura 21- Criança E.....	43
Figura 22- Criança F.....	46
Figura 23- Criança G	46
Figura 24- Criança H	46
Figura 25- Criança I.....	46
Figura 26- Criança J	46
Figura 27- Criança K.....	47
Figura 28- Criança L.....	47
Figura 29- Criança M	47
Figura 30- Criança N.....	48

LISTA DE SIGLAS

BNCC- Base Nacional Comum Curricular

RCNEI- Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil

PNAIC- Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. CAPÍTULO I: Desdobramentos teóricos	14
1.1 Os documentos curriculares norteadores para pensarmos a importância das Artes Visuais na Educação Infantil.....	14
1.2. Dialogando sobre o olhar sensível segundo os teóricos.....	21
1.3. Extrapolando a Abordagem Triangular no ensino das Artes na Educação Infantil.....	22
1.4. Arte contemporânea, arte urbana e o grafite na Educação Infantil.....	24
2. CAPÍTULO II: CAMINHO METODOLÓGICO.....	29
3. CAPÍTULO III: RESULTADOS E ANÁLISES.....	36
3.1. À primeira vista com a Arte urbana.....	37
3.2 A vida e Arte urbana no cotidiano das crianças.....	44
3.3. Contribuições estéticas a partir das práticas pedagógicas do ensino da Arte com crianças...49	
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
REFERÊNCIAS.....	52

INTRODUÇÃO

Consideramos que a criança é um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização inserida em uma sociedade marcada por aspectos socioculturais diversos em um determinado tempo histórico. Nesse sentido, considera-se a heterogeneidade social presente no universo da criança quanto sujeitos sociais que são e a natureza singular que as caracteriza como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio. Assim, as crianças no processo de construção do conhecimento se utilizam das mais diferentes linguagens e exercem a capacidade que possuem de terem ideias e hipóteses originais sobre aquilo que buscam desvendar¹. É importante ressaltar que o conhecimento não se constitui em cópia da realidade, mas sim, fruto de um intenso trabalho de criação, significação e ressignificação, assim, é preciso compreender, conhecer e reconhecer o jeito particular das crianças serem e estarem no mundo.

Percebemos a partir das observações sistematizadas durante as aulas das crianças e de seus relatos sobre o cotidiano a inserção delas no mundo das artes desde muito cedo, ou seja, em seus aspectos sociais, intelectuais, criativos, afetivos e estéticos, por meio dos desenhos animados, imagens, danças e músicas. Contudo podemos considerar que essas crianças possuem um amplo conhecimento de mundo só não é discutido de maneira educativa e formativa as diferentes linguagens que é apresentada pelos diversos campos do conhecimento. A partir da vivência no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), foi possível elaborar um plano de ação como proposta de intervenção, visando contribuir pedagogicamente com a unidade escolar em que nós pesquisadoras estivéssemos atuando. Na ocasião, estávamos propondo um trabalho na Educação Infantil em uma unidade da Rede Municipal de Recife. Por vivências pessoais e influência familiar anterior a essa proposta, surgiu o interesse em trabalhar com o ensino de Arte com a turma da Educação Infantil. A proposta inicial com as crianças foi de trabalhar com as obras de artistas pernambucanos que estavam envolvidos com arte contemporânea. O interesse e envolvimento das crianças durante a execução da proposta suscitou a escolha da temática para essa pesquisa monográfica.

Partindo da interação com a turma da Educação Infantil buscamos pensar uma temática que estivesse em contato direto com o público e que pudesse dialogar de maneira

lúdica e crítica com as crianças, de acordo com suas vivências cotidianas. Sendo assim, surgiu a ideia de levar o grafite para dentro da sala de aula e aproveitar o rico acervo fixado nos muros da cidade para ser experimentado esteticamente pelas crianças. Acreditamos que:

O desenvolvimento da imaginação criadora, da expressão, da sensibilidade e das capacidades estéticas das crianças poderão ocorrer no fazer artístico[...] E o desenvolvimento da capacidade artística e criativa deve estar apoiado, também, na prática reflexiva das crianças ao aprender, que articula a ação, a percepção, a sensibilidade, a cognição e a imaginação (BRASIL,1998, p.84).

Dessa forma, problematizamos neste trabalho como as práticas educativas com arte urbana podem contribuir para a educação estética na infância. Sendo assim, nos debruçamos em analisar as experiências estéticas da arte urbana na Educação Infantil.

O trabalho com as Artes Visuais na educação infantil requer profunda atenção no que se refere ao respeito das peculiaridades e esquemas de conhecimento próprios à cada faixa etária e nível de desenvolvimento. Isso significa que o pensamento, a sensibilidade, a imaginação, a percepção, a intuição e a cognição da criança devem ser trabalhadas de forma integrada, visando a favorecer o desenvolvimento das capacidades criativas das crianças (BRASIL,1998, p.85).

Nesse sentido, é essencial o enriquecimento de experiências, promovendo encontros com diferentes linguagens, alimentando a imaginação para que as crianças possam aventurar-se a ir além do habitual. Assim, o trabalho com arte urbana, especificamente o grafite, necessita de visibilidade principalmente no âmbito educacional, uma vez que dentro do conhecimento do senso comum esta manifestação artística é marginalizada, sendo assim, estereotipada como algo negativo.

O grafite é uma manifestação artística que se destaca em locais públicos como, prédios, ruas e paredes com o intuito de realizar críticas sociais, interferindo diretamente na paisagem da cidade. Segundo o RCNEI (1998) se possibilitarmos a interação das crianças com diferentes tipos de materiais nas artes visuais, apresentamos as possibilidades que podemos transformar, reutilizar e de construir novos elementos, formas, texturas etc. Fazendo com que as crianças através das experiências com materiais diversos possam alimentar a imaginação porque: “Nós não modelamos só com barro, nós modelamos também com nossos pensamentos, com as nossas apreensões de mundo” (JARDIM, *apud* BARBIERI, 2012, p.61). Entendemos, portanto, que o grafite é essa modelagem plástica inerente a essa imaginação

criativa.

Nesse sentido, a presente pesquisa procurou observar, a partir de intervenções estético-pedagógicas, a potencialidade da produção dos grafites nos muros da cidade a partir do olhar das crianças. Desta maneira enfatizamos o trabalho de grafiteiros de Pernambuco, podendo assim colaborar com a formação do olhar sensível das infâncias acerca do aspecto estético do grafite em nossa cidade.

Tendo em vista que a arte urbana abrange os aspectos coletivos, quanto a ideias e valores que distinguem quanto linguagem de acordo com as condições sociais, políticas e culturais que se quer problematizar, acreditamos na importância da Arte e seu contato imediato com o público, buscando assim, levar para as crianças o incentivo da produção desse olhar sensível, observador, crítico por meio da arte. A arte urbana, especificamente o grafite, é uma expressão artística popular que ao circular nos espaços urbanos, como: ruas e avenidas, encontramos nos muros, fachadas de prédios e outros suportes. Essas intervenções oportunizam a população a apreciar trabalhos artísticos e também favorecem a atração turística pela cidade, pois muitos locais que possuem grafites são considerados atrações turísticas, por muitas vezes, estar representando a história do povo pernambucano ou até mesmo por um desenho de asas de anjo, percebemos então que esse elemento da arte caminha lado a lado com a população aproximando o artista e suas obras, com os seus apreciadores.

Por possuímos um enorme acervo público e de fácil acesso da arte grafite, levamos para a escola a apreciação da vida que nos cerca através da Arte, desta forma esperamos que as crianças dessem asas para a sua imaginação e se expressassem através das suas criações e diálogos por meio da leitura visual das imagens apresentadas.

Ao propor a elas uma imersão na cultura do seu povo por meio das artes, esperamos ter proporcionado a construção de uma ponte para o conhecimento de sua história e sua identidade cultural fazendo com que as crianças se sintam pertencentes às diversas expressões culturais da sua cidade.

Sendo assim, os processos expressivos, além de oportunizar o acesso à riqueza da produção humana, promovem uma aproximação aos diferentes códigos estéticos. Para tanto, é fundamental disponibilizar às crianças um acervo que amplie as relações com o universo artístico-cultural, expandindo assim, as possibilidades de criação e percepção no campo das artes visuais. Acreditamos que quanto mais cedo o ensino da Arte estiver inserido nas escolas, considerando suas reais condições, mais cedo poderemos contribuir com os estudantes na

construção do pensamento estético no contexto da arte urbana.

Diante das reflexões aqui expostas, este trabalho teve como objetivo geral analisar a contribuição das práticas pedagógicas na educação infantil no ensino da arte urbana. Tivemos enquanto objetivos específicos: (1) Identificar como as crianças percebem as manifestações de arte urbana nas diferentes produções artísticas; (2) Relacionar o cotidiano das crianças com a arte urbana; e (3) Analisar as contribuições estéticas a partir das práticas pedagógicas do ensino da arte urbana com crianças.

Assim, a estrutura deste trabalho está organizada em três capítulos, iniciando pelo marco legal com as especificidades do RCNEI no campo das artes visuais e o campo teórico que embasou essa pesquisa, contribuindo para a construção da investigação.

No segundo capítulo encontra-se o caminho metodológico percorrido e a descrição das etapas desenvolvidas para a coleta de dados, o universo da pesquisa, os sujeitos envolvidos, bem como a análise dos dados coletados, submetidos à metodologia de análise interpretativa das produções artísticas (os desenhos) das crianças.

O terceiro capítulo apresenta os resultados das informações coletadas e o diálogo com os autores que no decorrer do trabalho embasaram nossa compreensão. A última parte desse trabalho trata-se das considerações finais, apresentando, portanto, as conclusões do trabalho.

1. CAPÍTULO I: Desdobramentos teóricos

1.1 Os documentos curriculares norteadores para pensarmos a importância das Artes Visuais na Educação Infantil

A Arte desde muito cedo entra na vida das crianças por meio dos desenhos animados, das imagens, das músicas e das danças. No meio dessa imersão que a criança se encontra percebemos as inúmeras vivências que cada criança possui e a partir dessas experiências singulares que elas vivenciam, acabam possibilitando criar momentos em que esses sujeitos construam diferentes significações e questionamentos sobre o mundo ao qual a criança está inserida.

O desenvolvimento da imaginação criadora, da expressão, da sensibilidade e das capacidades estéticas das crianças poderão ocorrer no fazer artístico, assim como no contato com a produção de arte presente nos museus, igrejas, livros, reproduções, revistas, gibis, vídeos, CD-ROM, ateliês de artistas e artesãos regionais, feiras de objetos, espaços urbanos etc. O desenvolvimento da capacidade artística e criativa deve estar apoiado, também, na prática reflexiva das crianças ao aprender, que articula a ação, a percepção, a sensibilidade, a cognição e a imaginação (BRASIL, 1998, p. 89).

Analisando os documentos nacionais que buscam trazer estratégias e orientações para os educadores, trazemos elementos do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) e do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) a fim de destacar as contribuições para o Ensino de Arte, no qual os educadores deveriam se inspirar para a elaboração dos seus planejamentos em trabalhar intencionalmente as linguagens artísticas.

Ao debruçarmos nos documentos que orientam os educadores, o RCNEI destaca a importância em emergir a criança no mundo da Arte, pois proporciona aos educandos o desenvolvimento das capacidades criativas das crianças, nos aspectos do pensamento, da sensibilidade, da imaginação, da intuição e da cognição da criança.

Segundo o RCNEI, quando a criança inicia o processo de aprendizagem em Artes Visuais, elas criam estratégias para criar e a partir dessa tomada de decisões ela desenvolve a construção individual que envolve escolhas, experiências pessoais, aprendizagens, relação com a natureza, motivação interna e/ou externa.

Como na presente pesquisa nos envolvemos com crianças de 4 a 5 anos, percebemos a necessidade de apresentar segundo o RCNEI (1998, p.94) os objetivos a serem alcançados para a aprendizagem no ensino de artes, visto que nesta fase deverão ser ampliados e aprofundados:

- O conhecimento de mundo que possuem, manipulando diferentes objetos e materiais, explorando suas características, propriedades e possibilidades de manuseio e entrando em contato com formas diversas de expressão artística;
- Utilizar diversos materiais gráficos e plásticos sobre diferentes superfícies para ampliar suas possibilidades de expressão e comunicação. E criar oportunidades para que as crianças sejam capazes de:
 - Interessar-se pelas próprias produções, pelas de outras crianças e pelas diversas obras artísticas (regionais, nacionais ou internacionais) com as quais entrem em contato, ampliando seu conhecimento do mundo e da cultura;
 - Produzir trabalhos de Arte, utilizando a linguagem do desenho, da pintura, da modelagem, da colagem, da construção, desenvolvendo o gosto, o cuidado e o respeito pelo processo de produção e criação.

Ao longo do documento do RCNEI no capítulo destinado a Artes Visuais evidência a importância da aprendizagem em Artes para ser levada aos espaços educativos, os objetivos a serem alcançados pelas crianças e os conteúdos que podem ser trabalhados com elas, organizado em dois blocos um que se refere ao fazer artístico e o outro da apreciação em Artes Visuais seguida com orientações didáticas.

Com crianças de 4 a 5 anos trabalhar o fazer artístico diz respeito a criação de desenhos, pinturas, colagens, modelagens a partir de seu próprio repertório e da utilização dos elementos da linguagem das Artes Visuais: ponto, linha, forma, cor, volume, espaço, textura, explorar e utilizar alguns procedimentos necessários para desenhar, pintar, modelar. Explorar e aprofundar as possibilidades oferecidas pelos diversos materiais, instrumentos e suportes necessários para o fazer artístico, explorar os espaços bidimensionais e tridimensionais na realização de seus projetos artísticos. A organização e cuidado com os materiais no espaço físico da sala também faz parte da aprendizagem em Arte, o respeito e cuidado com os objetos produzidos individualmente e em grupo e a valorização de suas próprias produções, das de outras crianças e da produção de Arte em geral.

No que deve ser abordado sobre apreciação em Artes Visuais, se destaca o conhecimento da diversidade de produções artísticas, como desenhos, pinturas, esculturas, construções, fotografias, colagens, ilustrações, cinema, apreciar as suas produções e das dos

outros, por meio da observação e leitura de alguns dos elementos da linguagem plástica, observar os elementos constituintes da linguagem visual: ponto, linha, forma, cor, volume, contrastes, luz, texturas, fazer leitura de obras de Arte a partir da observação, narração, descrição e interpretação de imagens e objetos, apreciar as Artes Visuais e o estabelecimento da correlação com as experiências pessoais.

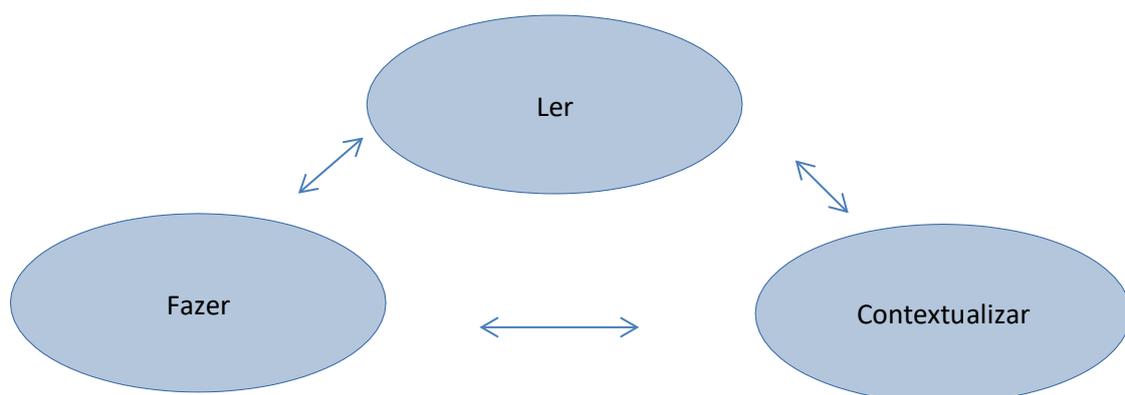
O RCNEI aborda sugestões práticas e educativas para que os educadores possam levar o ensino de Arte para a sala de aula com o protagonismo de ser uma disciplina que faz a criança ter uma relação de ensino e aprendizagem com o adulto de forma lúdica, desenvolvendo sua criatividade, raciocínio, afetividade e também o respeito aos limites e regras que são colocadas nos momentos do fazer e apreciar as produções artísticas, e podendo assim contribuir com as aprendizagens que as crianças possam levar para a vida.

Outro documento norteador da nossa pesquisa é o PNAIC - A arte no Ciclo da Alfabetização (2015) que tem como objetivo destacar os diferentes modos de organização do ensino da arte no ciclo de alfabetização. No recorte desta pesquisa abordamos dois tópicos deste documento que é o campo das Artes Visuais e o campo da Estética.

Para melhor compreender o campo das Artes Visuais precisamos entender que é um conjunto de manifestações artísticas, como: pintura, escultura, gravura, fotografia, grafite, objeto artístico, intervenção urbana, dentre outros, ou seja, tudo que a gente pode analisar sob o ângulo da visão.

E como trabalhar com estas modalidades artísticas? No capítulo- O ensino das Artes no ciclo da alfabetização, a autora e os autores Fabiana Souto Lima Vidal, Rossano Silva e José Ricardo Carvalho nos apresentam as possibilidades de trabalhar com a Abordagem Triangular (Ler, Fazer e Contextualizar) de Ana Mae Barbosa, não como uma regra a ser seguida, mas sim um norteador de possibilidades a ser construído para o planejamento das aulas.

Ao pensarmos nestes três eixos do ler, fazer e contextualizar:



O que entendemos, a partir desses autores é o ato de realizar a leitura de uma imagem extrapola o que está perceptível aos nossos olhos, portanto ao analisar podemos perceber que nossas experiências influencia a nossa leitura pois trazemos as nossas vivências para a compreensão da obra:

Assim, ver uma imagem pode suscitar inúmeras possibilidades de aprendizado de conteúdos do campo das Artes Visuais, por exemplo: primeiro, compreender se trata-se de uma imagem figurativa ou abstrata; segundo, se é uma (re)produção de um trabalho bidimensional ou tridimensional; terceiro, se trata-se de uma pintura, desenho, gravura, fotografia, colagem, instalação, grafite, escultura, dentre outras possibilidades de produções ou gêneros artísticos; além de considerar igualmente importantes as leituras que cada aluno pode elaborar, com base em suas experiências pessoais. (VIDAL; CARVALHO; SILVA, 2015, p.38)

O eixo Contextualizar segundo o Vidal, Carvalho e Silva (2015) refere-se:

aos diferentes aspectos que circundam a imagem, temática ou o conteúdo a ser trabalhado. Logo, nos permite entender valores, significados, tradições e histórias que envolvem a imagem ou até mesmo a temática que vem sendo tratada pela mesma.

Ou seja, quando contextualizamos nossas aulas temos a missão de aprofundar as leituras não só historicamente, mas também nas questões sociais, políticas, culturais, psicológicas e estéticas.

O Fazer artístico indica ação, e essa ação se baseia em ressignificar as obras de Arte trabalhada, a partir da perspectiva do estudante, com o seu olhar, levando em conta suas particularidades pessoais, os conceitos, formas e significados das imagens analisadas, tudo isso influenciará na maneira de como o aluno apresentará sua perspectiva em relação à obra.

A produção artística que é realizada a partir de uma obra, não é para ser uma cópia e sim uma releitura, no qual podemos utilizar materiais diferenciados do que é apresentado na obra de origem, podendo até mesmo utilizar outras linguagens artísticas para se alcançar o fazer artístico.

A imersão no mundo da Arte deve nos provocar, inquietar, mexer com nossas emoções e para nós orientar a como podemos alcançar possibilidades de experiências estéticas

com os nossos alunos. A professora Fabiana Souto Lima Vidal e o professor Rossano Silva, trazem uma reflexão, no caderno 6 sobre: “Afim, o que é essa formação estética?”, descrevendo como podemos ampliar a nossa percepção do mundo, ampliar as referências dos nossos alunos e a importância de nós professores em estar sempre formação contínua, pois devemos sempre buscar inovar em nossas práticas pedagógicas buscando desenvolver a sensibilidade em nossos alunos.

O caderno 6 inicia a reflexão desmistificando que a Estética, não diz respeito ao belo, ao erudito e que para compreender esse campo das Artes, não precisamos ser mestre, doutores em Artes e sim precisamos entender que:

o conceito de estética, que vai além da compreensão que relaciona o sentido tradicional de beleza e de Arte, tendo em vista que na contemporaneidade estes conceitos sofrem transformações, são ampliados, múltiplos, diversos, passam a ser singulares, pois dependem de cada sujeito e de suas experiências estéticas, ou seja, dependem do ambiente cultural e das vivências ao longo da vida de cada sujeito (VIDAL; SILVA, 2012, p.72).

Combinado ao conceito de cultura, esses dois pontos se interligam e faz com que nossas experiências pessoais possam influenciar na maneira como compreendemos as produções e manifestações artísticas, ou seja, “as experiências são aquelas vivências que nos provocam, nos desacomoda, nos fazem pensar e refletir, nos tiram da passividade, nos atravessam e nos humanizam (2012 *apud* Larrosa, 2014).”

Logo os autores do caderno 6, complementam:

Se defendemos, ao longo deste Caderno, uma visão ampliada para pensar Arte, estamos querendo dizer com isso que as experiências estabelecidas por meio do contato com diferentes campos, espaços, modos de circulação e apresentação da Arte – nos espaços institucionalizados ou não – com os diferentes modos de pensar e produzir Arte são, portanto, experiências estéticas que contribuem não apenas para nossa cognição, mas também para a nossa humanização (VIDAL; SILVA, 2012, p.72).

As experiências estéticas podem acontecer desde um objeto, uma música, um acontecimento, sendo assim essa imersão tem que nos tocar, inquietar, provocando reflexões a quem aprecia, ampliando os conhecimentos em ver, vivenciar e experienciar a Arte como também trazer referências do cotidiano.

VIDAL E SILVA (2012) apresentam os estágios de compreensão estética sugeridos por Abigail Housen, no qual classifica as possíveis abordagens do leitor por sua proximidade com o campo da Arte. São divididos em cinco graus de compreensão:

- O estágio Descritivo Narrativo;
- Construtivo;
- Classificativo;
- Interpretativo;
- Re-criativo.

Os estágios elaborados nos apresenta a percepção dos leitores em estágios diferentes sobre as produções artísticas. Descreveremos de modo breve, como cada um se categoriza e os questionamentos que são realizados em cada estágio:

No estágio descritivo o leitor tem pouca familiaridade com as Artes, geralmente demonstra interesse pelos detalhes que chamam a sua atenção como cores e formas. “O 1º estágio é o que é isto? Suas respostas tendem a satisfazer essa pergunta de forma concreta: é isto, é aquilo etc.” (ROSSI apud PILLAR, 2011).

No estágio construtivo o leitor é capaz de refletir sobre sua vida relacionando com a obra de Arte, buscando relações com seu contexto social e cultural.

A pergunta fundamental do 2º estágio é como isto é feito? A partir daí começa uma preocupação com as propriedades formais da obra, levando em consideração o julgamento sobre a técnica que o artista empregou, o que tornará o quadro bem feito ou não. A acuidade fotográfica do artista em retratar o ambiente, a dificuldade e o tempo despendido também são levados em consideração pelo leitor do 2º estágio (DUTRA; MAIO; RACHE, [s.d.]).

No estágio classificativo o leitor busca identificar na obra critérios como estilo, escola, tempo, lugar, pois desta forma compreende-se seu significado e sua mensagem. O questionamento do leitor neste estágio, diz respeito a quem são os artistas e por que ele construiu a obra de Arte desta maneira.

Já no estágio interpretativo o leitor se baseia na sua interpretação, intuição e memória, como também nas informações contidas na imagem. A afetividade provoca no leitor uma análise mais rigorosa, pois surgem as perguntas: “como o artista utilizou os elementos formais para expressar o que sentia? ou a ideia concebida ou O trabalho traduz alguma experiência?” (ARSLAN, IAVELBERG, 2006, p.22).

O estágio re-criativo leva em consideração todos os aspectos dos estágios anteriores, porém o diferencial é que o leitor está familiarizado, ou seja, possui experiência no campo das artes, possui a capacidade de ler imagens em diferentes níveis. No último estágio utilizamos todas as perguntas anteriores, o que, como, por que e quando. Quando o leitor consegue reconstruir, a partir de sua experiência estética, ele estabelece novas relações com a imagem, comparando com outras produções artísticas e artistas.

Com as orientações acima de como podemos classificar os estágios de apreciação estética, podemos planejar e executar experiências com o objetivo de ampliar o conhecimento artístico e cultural dos nossos alunos, levando em consideração os diferentes modelos culturais, o local, regional e global, devido que toda expressão artística contribui com nosso conhecimento de mundo e também com nossa percepção estética.

Sendo assim, o PNAIC (2012) reforça que a formação estética é um direito de aprendizagem no campo da Arte, no qual apresenta sua importância em Introduzir, Aprofundar e Consolidar, os respectivos tópicos:

- Identificar no cotidiano a produção e produtores artísticos e manifestações da Arte na sociedade.
- Ler, apreciar e analisar criticamente diferentes objetos artísticos e manifestações da Arte na sociedade.
- Conhecer, participar e visitar diferentes dispositivos e equipamentos culturais de circulação da Arte e do conhecimento artístico, tais como: teatros, museus, galerias, feiras, ruas, festivais, bibliotecas, centros históricos e culturais (PNAIC apud BRASIL, 2012, p. 23).

Portanto, para que nossas vivências em sala possam provocar inquietações em nossos alunos devemos estar em constante pesquisa e imergir no campo, para elaborar experiências estéticas em diferentes suportes, produções e espaços, sendo assim devemos levar para nossas vidas que só conseguimos compartilhar o diferente quando estamos envolvidos.

1.2. Dialogando sobre o olhar sensível segundo os teóricos

A partir do marco legal apresentado anteriormente, respaldamos esse trabalho relacionando com teóricos que provocam abordagens necessárias para as problematizações propostas na pesquisa.

Sendo assim, trazemos Ana Mae Barbosa que em seu livro *Inquietações e mudanças no ensino da Arte* (2002), organizou com a participação de alguns pesquisadores atuantes na área das Artes contribuições para o ensino e aprendizagem nos dias atuais, no corpo do nosso texto daremos destaque a alguns capítulos, pois consideramos importante para a nossa pesquisa. Outro teórico que trazemos para nossas discussões é Duarte Júnior em seus escritos *Fundamentos estéticos da educação* (1988) e *O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível* (2001) nos chama a atenção quanto profissionais da educação especialmente voltados para a educação infantil que a Arte contribui significativamente no processo de ensino e de aprendizagem, processo esse essencialmente desenvolvido na construção de conhecimento das crianças na etapa da educação infantil. Pois, é na infância onde há mais possibilidade dos sentidos quanto, percepção, imaginação criativa e novas experiências sejam aguçadas.

Barbosa (2002) em parceria com Mirian Celeste Martins no capítulo “Aquecendo uma transformação: atitudes e valores” nos faz questionar sobre o papel do educador e sua jornada em preparar caminhos que incentive os estudantes a realizar descobertas no mundo das Artes. Essas atitudes e valores que se destaca no título é uma reflexão sobre as propostas que nós educadores pretendemos incorporar em nossas aulas.

Como professores de Arte temos de conhecer desde os conceitos fundamentais da linguagem da Arte até os meandros da linguagem artística em que se trabalha. Temos de saber como ela se produz - seus elementos, seus códigos- e também como foi e é sua presença na cultura humana, o que implica numavisão multicultural, na valorização da diversidade cultural (BARBOSA ,2002, p. 52).

Apesar de todas essas considerações que devemos levar em conta em nossas práticas educativas devemos mobilizar esses saberes, para que conseguimos interligar conteúdos, conceitos, “não apenas por parte do professor de Arte, mas também pelos alunos, pelas mídias, por outras pessoas, pelo entorno cultural de professores e alunos [...] (MARTINS, p.52).

Esse saber que muito se fala nos indaga a questionar as melhores propostas educativas que devemos planejar e como chegamos para apresentar esses saberes nos espaços escolares. Enquanto educadores preocupados com os pressupostos da Arte/Educação devemos ampliar a gama de conhecimentos sobre quem são os artistas, como trabalham, quais materiais eles utilizam, deixando de lado a ideia que os artistas que têm destaque são os que já se foram ou que tem seu nome reconhecido pelo grande público, e sim também destacando os artistas regionais.

Martins (2002 apud BARBOSA, 2002) nos fala da comodidade do professor em se restringir na proposta criativa, levando em consideração a reprodução artística do aluno, desconsiderando o sentido de se sentir a Arte.

Por que cor não existe para ser fria ou quente, primária ou secundária, mas para expressar estados da alma, para construir sutis mutações ou explodir com a sua materialidade... Linha não existe para ser sinuosa, reta ou quebrada, mas para expressar tensão, fluência, devaneio e rigor[...]. A técnica não existe para ser experimentada apenas, mas para que sustente e dê corpos às ideias que se desvelam pelas linguagens das Artes Visuais, Dança, Teatro, Música e de outras tantas (MARTINS, p. 54).

Devemos nos preocupar não só trabalhar técnicas com nossos estudantes, mas sim apresentar o mundo das Artes que precisa ser apreciado e sentido para assim, possamos favorecer aos nossos estudantes um crescimento individual e comportamental enquanto cidadão como fruidor de sua cultura e conhecedor do seu próprio povo.

Para que possamos criar essas pontes de conhecimento, temos que também estar imersos nos ambientes culturais, buscando sempre inovar, ou seja, nos tornando professores pesquisadores:

capazes de trabalhar em projetos inter ou transdisciplinares, não só com o olhar voltado para as linguagens da Arte, mas para a história, o meio ambiente, a linguagem verbal, os avanços da ciência e da tecnologia, porque tudo está no mundo contemporâneo. Por isso é preciso pesquisar mais a linguagem artística com a qual cada um trabalha, porque os ganchos frequentemente vão ser buscados a partir dela própria, em mergulhos para além da superficialidade, sem esquecer sua abrangência e amplitude (MARTINS, p. 55).

Dando continuidade a missão do professor em ser mediador e pesquisador trazemos agora para nossas discussões a contribuição de Analice Dutra Pillar (apud BARBOSA, 2002)

sobre a educação do olhar no ensino da Arte. A mediação do educador no ensino as Artes relacionam os aspectos artísticos e estéticos do conhecimento.

A educação estética contempla o ensino de Artes despertando nos estudantes o prazer em participar do processo de querer e saber fazer arte.

A educação estética tem como lugar privilegiado o ensino de Arte, entendendo por educação estética as várias formas de leitura, de fruição que podem ser possibilitadas às crianças, tanto a partir do seu cotidiano como de obras de Arte. Compreender o contexto dos materiais utilizados, das propostas, das pesquisas dos artistas é poder conceber a Arte não só com um fazer, mas também como uma forma de pensar em e sobre Arte (BARBOSA, 2002, 71- 72).

Levar o ensino de Artes para dentro da sala de aula é apresentar um mundo de descobertas aos estudantes, onde os sentimentos e os sentidos são despertados para incentivar a interação dos estudantes com o mundo que os rodeia, se tornando um sujeito ativo e autônomo em seu espaço.

Falar sobre estética segundo Duarte Júnior (1988) é levar o educando a criar sentidos e valores que fundamentam sua ação no seu espaço cultural, ocorrendo coerência entre o sentir, o pensar e o fazer. O conhecimento do mundo para o sujeito só se torna possível se as relações entre o sentir e o simbolizar se complementam, se essa articulação não acontecer não será possível realizar uma experiência estética.

Neste debate o autor John Dewey (2010, apud PONTES, 2015) possui trabalhos relevantes em volta da temática. Ele enxerga a dimensão estética como a experiência vivida pelo sujeito. No entanto Dewey compreende essa experiência na relação entre o pensar e o agir.

Dewey investiga a relação de causa e efeito na produção artística, considerada sob a ótica do produtor e do apreciador. Ele considera tanto o processo quanto o produto da ação humana, enfatizando a relação entre os meios e os fins. Debruça-se sobre o movimento de construção e de apreciação da arte, explicitando a inserção da expressão e da emoção na experiência estética. (PONTES, 2015).

A experiência está vinculada com as ações práticas da vida do sujeito e a cultura que o rodeia. Para Dewey o pensamento não desassocia as situações práticas do cotidiano fazendo com que a partir de experiências do cotidiano aguce os sujeitos a resolver problemas e produzir conhecimentos. “Assim, agir e experimentar o conhecimento constitui o processo de

aprendizagem e, nesse esforço, o sujeito passa por transformações. Transforma a si mesmo, o conhecimento e o meio em que atua” (PONTES, 2015).

1.3. Extrapolando a Abordagem Triangular no ensino das Artes na Educação Infantil

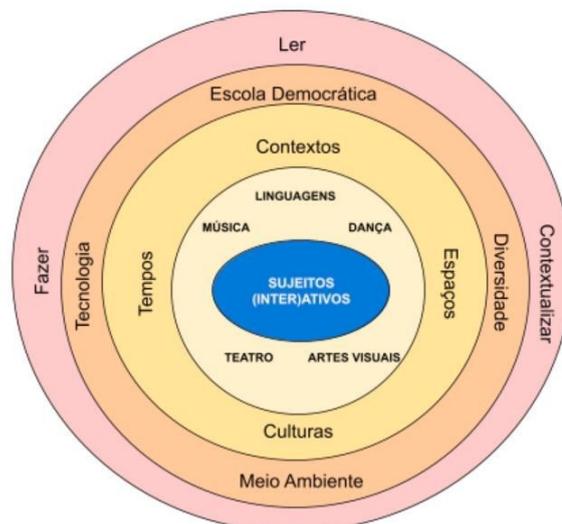
A partir do que já foi dito no tópico sobre os documentos curriculares norteadores para pensarmos a importância das Artes Visuais na Educação Infantil, respaldamos nossas definições sobre o Ler, o Fazer e o Contextualizar de Ana Mae Barbosa.

Em sua proposta a articulação entre esses três campos do conhecimento não possuem uma hierarquia na utilização da prática em sala de aula, portanto todas são indispensáveis para a mediação da relação ensino aprendizagem, podendo ser iniciado um estudo a partir de qualquer uma dessas três áreas (NASCIMENTO, SOUZA, 2017, no prelo).

A partir da abordagem triangular de Ana Mae Barbosa, trazemos para nossa pesquisa a fim de agregar conhecimento, o documento de Política de Ensino da Rede Municipal do Recife, onde foi elaborado uma mandala com o objetivo de apresentar a relação entre os eixos do ensino da Arte, os eixos da Política de Ensino, os conhecimentos artísticos/estéticos e os sujeitos envolvidos nesse processo, buscando assegurar o respeito à diversidade social, cultural, religiosa, sexual, ao gênero, às necessidades específicas desse sujeito (inter)ativos (RECIFE, 2015, p.81).

Imagem 1- Mandala

Fonte: Política de Ensino da Rede Municipal do Recife



Ao analisar a mandala percebemos que tudo se conecta criando um sistema dinâmico, os sujeitos se tornam a peça principal para que o processo de ensino e aprendizagem possa acontecer. As linguagens são vivenciadas pelos sujeitos através de produções e manifestações artísticas ligadas a contextos, culturas, tempos e espaços diferentes.

Os conhecimentos artísticos ou estéticos são acessados, tais como as modalidades artísticas; os elementos que constituem as linguagens; os meios (manufaturados, tecnológicos, midiáticos) e os materiais e técnicas de cada modalidade, linguagem ou meio (RECIFE, 2015, p.81).

O nosso trabalho extrapola as dimensões do campo da Arte, fazendo com que a interdisciplinaridade alcance outras dimensões do campo do conhecimento, como a diversidade das famílias que implica nos vínculos familiares diferenciados, identidade dos sujeitos, temáticas essas que estão contidas no RCNEI indica como eixos estruturantes para o trabalho na educação Infantil.

- Identidade e autonomia,
- Artes visuais;
- Linguagem oral e escrita;
- Natureza e sociedade.

Abordados no contexto da Arte urbana por meio dos grafites através das intervenções realizadas no universo da pesquisa.

1.4. Arte contemporânea, arte urbana e o graffiti na Educação Infantil

Com a intervenção proposta nesta pesquisa trouxemos um mundo diferente do campo das artes para as crianças e professora da sala, apresentando que acima de entender os conteúdos precisamos fazer com que os nossos estudantes possam despertar sensações.

A Arte contemporânea foi nossa aliada para construir um caminho que pudéssemos desconstruir o mundo artístico das Artes dos sujeitos da pesquisa, que não só do belo e Arte clássica se faz uma aula de Artes, mas sim de quebrar todos os paradigmas impostos.

A arte contemporânea é feita da irrupção de acontecimentos. Nem sempre há molduras ou paredes para abrigar quadros, nem sempre as obras se apresentam na perspectiva tradicional a que estamos acostumados. As obras podem ser interativas, podem ser tocadas, sentidas ou modificadas pelos espectadores, ou nada disso. Unidade, coerência e identidade de temas, técnicas e materiais distanciam-se muitas vezes dessa arte (LOPONTE, 2008).

Podemos dizer então que o nosso cotidiano influencia no modo de pensar e fazer uma obra de Arte, pois a partir de nossas particularidades vai se criando conexões com o que estamos apreciando ou elaborando e acaba gerando significados. Essa diversidade interpretativa é de muita importância na infância pois:

Permitir que elas falem sobre suas criações e escutem as observações dos colegas sobre seus trabalhos é um aspecto fundamental do trabalho em artes. É assim que elas poderão reformular suas ideias, construindo novos conhecimentos a partir das observações feitas, bem como desenvolver o contato social com os outros. Nesta etapa é possível fortalecer o reconhecimento da singularidade de cada indivíduo na criação, mostrando que não existe um jeito certo ou errado de se produzir um trabalho de arte, mas sim um jeito individualizado, singular. Comentar os resultados dos trabalhos possibilita a descoberta do percurso na criação e a percepção das soluções encontradas no processo de construção. Nas leituras grupais, as crianças elaboram não somente os conteúdos comentados, mas estabelecem uma experiência de contato e diálogo com as outras crianças, desenvolvendo o respeito, a tolerância à diversidade de interpretações ou atribuição de sentido às imagens, a admiração e dando uma contribuição às produções realizadas, por intermédio de uma prática de solidariedade e inclusão. É nessa interação ativa que acontecem simultaneamente a observação, a apreciação, a verbalização e a ressignificação das produções. Nessas situações, novamente, a imaginação, a ação, a sensibilidade, a percepção, o pensamento e a cognição são reativados (BRASIL, 1998, p.105).

O trecho acima, retirado do RCNEI, afirma a necessidade de se conversar sobre as particularidades das produções dos estudantes, mas também das produções dos artistas. Essas reflexões ajudam os estudantes a pensar por que, onde, como, o que, estimulando a compreensão estética e ampliando o conhecimento artístico e cultural dos nossos estudantes.

Dentro da Arte contemporânea, encontramos uma infinidade de movimentos artísticos e como em nosso trabalho tínhamos que escolher um movimento.

Selecionamos a Arte urbana, esse movimento pode ser encontrado em espaços urbanos, se apresenta através do grafite, pinturas, intervenções, performances, dentre outras.

Essas produções acontecem em ambientes públicos e utilizam como suporte os grandes centros urbanos.

Por estar em contato imediato com o público, os cidadãos não têm a necessidade de se deslocar para centros culturais para apreciar a Arte. Um exemplo é quando caminhamos pela cidade e conseguimos prestigiar uma infinidade de obras artísticas, e assim podendo realizar uma leitura crítica da obra.

Os movimentos artísticos sempre vão se reorganizando em subgrupos com características particulares, e com a Arte Urbana não podia ser diferente, dentro deste universo, chegamos ao Graffite que é uma expressão artística que está conectada diretamente com o público.

O graffiti nos remete aos tempos mais remotos na terra, quando a humanidade realizava seus registros nas paredes das cavernas com as pinturas rupestres, representando os animais, os caçadores e símbolos. Considerada uma das manifestações mais antigas já encontradas, possuía uma linguagem simbólica própria.

Nessa época, os materiais utilizados eram terras de diferentes tonalidades, sucos de plantas, ossos fossilizados ou calcinados, misturados com água e gordura de animais. Hoje, usamos tintas em spray e não pintamos cervos e bisões, mas sim ideias, signos, que passam a compor o visual urbano (GITAHY,2012,p.12).

Ao longo da nossa história essa expressão artística recebeu influência dos murais da antiguidade egípcia, os murais descobertos em Pompeia até os murais contemporâneos que se destacaram no século XX, com os pintores Diego Rivera, José Clemente Orozco e David Alfaro Siqueiros, a fim de promover uma arte pública Siqueiro propos aos artistas da América lançarem uma arte capaz de atingir ao grande público.

O suporte para realização dos graffiti vai além dos muros da cidade, pois entendesse que podemos utilizar qualquer espaço que se deseje para representar as imagens escolhidas pelos e pelas artistas, como postes, viadutos, gelo baiano, entre outros suportes. Sendo assim essa manifestação artística não costuma seguir um padrão estético pré-definido para ser seguido, pois cada artista possui sua marca individual.

Podemos identificar uma diversidade temática a respeito as imagens expostas ao longo da nossa pesquisa, e fazendo um paralelo com as imagens aqui expostas posteriormente, conseguimos apresentar para as crianças graffiti com representações de mulheres, animais, família, palavra, manifestações culturais, contudo os graffiti podem representar temáticas

sociais, da natureza, de humor à críticas sociais, não existe uma regra sobre o que expor, mas sim o que se deseja expor para a população, ou seja, “democratiza e desburocratiza a arte, aproximando-a do homem, sem distinção de raça ou de credo (GITAHY, 2012, p.18).”

Normalmente encontramos essa manifestação artística nos espaços urbanos, porém nos dias atuais já é possível encontrar exposições em museus e galerias, pois o graffiti hoje começou a ser um bem de consumo, que as pessoas gostam de utilizar. Em alguns lugares do Brasil como São Paulo e Rio de Janeiro, também podemos citar a cidade do Recife, são consideradas rotas dos graffiti, em determinados locais da cidade se tornaram pontos turísticos.

Sem distinção ao seu público, o graffiti para as crianças é mais uma possibilidade de aproximar as realidades das obras com as realidades das crianças, falando de contextos que podem ser apresentados por diferentes perspectivas, cores, formas, texturas, vivências pessoais e assim contribuir com processo de ensino-aprendizagem das crianças no ensino da Arte.

2. CAPÍTULO II: CAMINHO METODOLÓGICO

Entendendo metodologia como “o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade” (MINAYO, 2016, p.14). Ou seja, a metodologia inclui o método e um conjunto de técnicas que permite a sistematização do trabalho. Enquanto conjunto de técnicas, a metodologia deve dispor de um instrumental claro, coerente, elaborado, capaz de encaminhar os impasses teóricos para o desafio da prática.

A metodologia dessa pesquisa é de abordagem qualitativa. Uma das características da abordagem qualitativa aponta que: “A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento” (BOGDAN; BIKLEN, 1982 apud. LUDKE; ANDRÉ, 1986, p.11). Isso implica dizer que o contato direto da pesquisadora por meio do trabalho de campo, no local a ser investigado (relação essa que foi vivenciada nesta pesquisa) é primordial.

O presente trabalho, parte dos princípios da Pesquisa-Ação segundo os pressupostos de Thiollent (1996).

O método da pesquisa-ação consiste essencialmente em elucidar problemas sociais e técnicos, cientificamente relevantes, por intermédio de grupos em que encontram-se reunidos pesquisadores, membros da situação-problema e outros atores e parceiros interessados na resolução dos problemas levantados ou, pelo menos, no avanço a ser dado para que sejam formuladas adequadas respostas sociais, educacionais, técnicas e/ou políticas (THIOLLENT, 1996, p 53).

Assim, a pesquisa-ação propõe uma forma de ação planejada de caráter social e educacional, aspectos esses presentes na proposta desse trabalho de elaboração de uma ação interventiva na educação infantil com estudantes do grupo V, objetivando analisar a contribuição das práticas pedagógicas na educação infantil no ensino da Arte urbana.

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 1995, p 56).

Desse modo, a motivação em realizar uma pesquisa-ação se dá por no âmbito educacional ser uma estratégia rica para os professores/pesquisadores aprimorarem suas

práticas pedagógicas. A pesquisa-ação não se trata de um levantamento de dados, e sim, esta centrada no fazer participativo e coletivo. É essencialmente necessário a reciprocidade entre pesquisadores e grupos/sujeitos envolvidos na ação. Thiollent (1996) aponta também, a importância de definir com precisão, qual ação realizar, seus agentes, seus objetivos e possíveis obstáculos, qual conhecimento precisa ser produzido e aprofundado em função dos objetivos propostos na ação.

Nesse caso a ação foi planejada a partir das etapas a seguir:

- 1- Dois momentos de observação em uma Escola da Rede Municipal de Olinda, na turma da educação infantil onde atendia crianças do grupo V com idade entre 5 e 6 anos no ano de 2017;
- 2- A partir das observações traçamos o planejamento para executarmos o plano de ação que nos proporcionou duas vivências a primeira vivência com as crianças de aproximadamente 2 horas cada intervenção.

No primeiro dia da aplicação do projeto na sala de aula, levamos para as crianças imagens dos grafites que podem ser encontrados na Região Metropolitana do Recife, como intuito de destacar os artistas da região, como: Arem, Boris, Bozó, Cajú, Derlon, Jeff Alan, Kbça e Galo de Souza.



Imagem 2- Arem



Imagem 3- Boris Fonte: Blog João Gilberto



Imagem 4- BozóFonte: Gramho



Imagem 5- Cajú



Imagem 6- DerlonFonte: Tumbler



Imagem 7-Jeff AlanFonte: Picuki



Imagem 8-Kbça Fonte: Prensa de Babel



9- Galo de SouzaFonte:uol

Expomos as imagens impressas no chão e convidamos as crianças a fazer uma grande roda, para que pudéssemos observar e conversar sobre detalhes percebidos nas imagens que chamavam atenção das crianças. Buscamos apresentar uma diversidade de temáticas nas imagens, a fim de proporcionar diálogos e descobertas infinitas em suas leituras visuais.

Sendo assim, ressaltamos que “o ato de ver ao ser aprimorado permite-nos observar melhor o mundo, o ambiente, a natureza. Um bom observador, investigando detalhes, encontrará particularidades que poderão enriquecê-lo (FERRAZ, 2010, p. 77)”, ou seja, ao criar experiências favorecemos a compreensão para que essa criança possa realizar leituras detalhadas do que está no seu cotidiano.

Na interação com as crianças, conversamos sobre o tipo de Arte Visual que as imagens representavam, suas cores, formas, suportes e as representações contidas nos grafites. Muitas das crianças não sabiam o nome do tipo de manifestação artística, mas sabiam que aquela Arte estava querendo dizer alguma coisa para quem estivesse apreciando.

A intervenção foi realizada no ano de 2017, queremos destacar este período, pois tivemos dificuldade em encontrar registros das mulheres graffiteiras de Pernambuco e de seus trabalhos expostos internet, portanto, neste recorte pudemos perceber o quanto as mulheres ainda eram ofuscadas e silenciadas com sua identidade no graffiti. Porém, quando venho a finalizar a escrita em 2021 encontro um cenário completamente diferente, onde as mulheres ganharam visibilidade se destacando a cada dia com seus trabalhos e os coletivos que

empoderaram suas lutas e trabalho.

Dando continuidade a nossa metodologia, a pesar das dificuldades encontradas não foi um obstáculo para ser discutido com as crianças sobre o poder da mulher na Arte. Ressaltamos a importância da mulher que trabalha com o grafite e a dificuldade da mulher em ter seu trabalho reconhecido pela sociedade.

Com intenção de enriquecer a apreciação estética das crianças e conhecer outros e outros grafiteiros do mundo levamos o livro “O Mundo do Grafite” de Nicholas Ganz e deixamos a disposição na sala para que fossem observadas as imagens trazidas no livro.

Imagem 10- O mundo do grafite- Nicholas Ganz



Fonte: Saraiva

Um outro ponto destacado para as crianças foram os desenhos que estavam na frente da escola, que até o momento da intervenção as crianças não tinham se dado conta de que aquela manifestação artística já estava presente na vida deles.

Após uma longa roda de conversa sobre as imagens que estavam presentes, sugerimos as crianças que cada um escolhesse uma imagem para que pudessem fazer a releitura dos grafites, ou seja, realizar uma nova interpretação da obra podendo ser com uma nova manifestação artística, novos materiais ou técnicas para as produções. E lembrando que ao realizar este tipo de vivência não é necessário empregar a mesma técnica usada pelo artista e sim tomar como referência, interpretando aquilo que se vê.

Para que o projeto pudesse contribuir ainda mais para a formação das crianças realizamos a leitura do livro “Quero Colo!” de Stela Barbieri e Fernando Vilela que conta e encanta como as crianças e alguns bichinhos são carregados e ninados ao redor do mundo.

Aproveitando que as imagens do livro lembram às técnicas utilizadas pelos grafiteiros, como os carimbos, a sobreposição das texturas nas imagens, as gravuras e seus suportes para serem realizados, as cores e suas simbologias indicando os locais e tempos que as figuras se encontram, quisemos conectar esses dois mundos o da literatura infantil e da Arte urbana que apesar de encontramos em locais diferentes, ambos possuem características do mundo da Arte e podem trabalhar em conjunto.

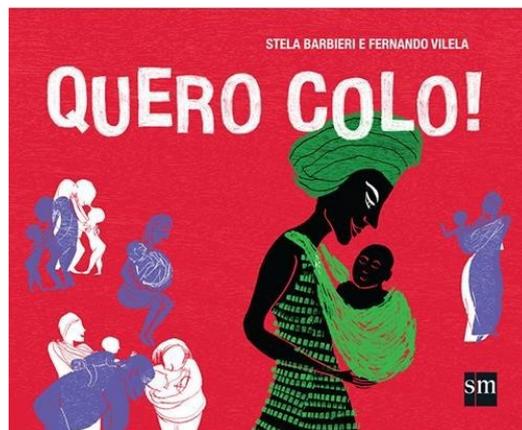


Imagem 11- Livro: Quero colo!
Fonte: Amazon

Tivemos como objetivo trabalhar de modo interdisciplinar o conteúdo das Artes (leitura e releitura das imagens, linha e forma, carimbo), ciências sociais (diversidade das famílias) e linguagem (leitura do texto e registro do nome).

Realizamos uma roda de leitura do livro “Quero colo!”, com o propósito de conversar com as crianças sobre as relações de afeto entre elas e os seus familiares, pedimos então que as crianças desenhassem “O colo que as crianças mais gostavam de estar”.

O que nos faz pensar que o livro desperta as problematizações sobre as relações familiares, diversidade cultural, as relações de afeto que as crianças têm com os seus responsáveis. Já no campo da Arte o livro enriquece com sua diversidade de texturas onde podemos perceber cenários diferentes ao longo do livro. E a diversidade de técnicas para os autores realizarem os desenhos que vão desde o desenho a lápis à xilogravura.

Após a finalização dos desenhos realizamos a partir da técnica da linóleogravura a gravação dos nomes nos desenhos. Cada criança gravou seu nome em uma placa de E.V.A. (papel emborrachado), utilizando o lápis para marcar bem o suporte. Após a gravação, a placa recebe a tinta e carimbamos no papel dos desenhos realizados pelas crianças e após colocamos para secar.

Ao finalizar a segunda vivência propomos uma roda de exposição das obras de Arte realizadas pelas crianças para podermos conversar um pouco sobre quem seriam as pessoas que estavam sendo retratadas nos desenhos.

3. RESULTADOS E ANÁLISES

Em nosso tópico destinado à metodologia, destacamos que nossa pesquisa se inspirou na pesquisa-ação para traçar um roteiro de intervenção pedagógica na escola a qual realizamos a proposta do nosso projeto e a nossa análise partirá do princípio da análise interpretativa. A partir das ações interventivas realizadas na escola, foi possível analisar as compreensões que as crianças estabelecem sobre a Arte do grafite, através dos desenhos. Organizamos a tabela abaixo para destacar nossos objetivos em relação às vivências com as crianças.

Objetivo da primeira vivência:	Conhecer o campo da Arte urbana por meio dos grafites de artistas pernambucanos.
Objetivo da segunda vivência:	Proporcionar às crianças a iniciação ao campo artístico da Arte urbana a partir dos desenhos a lápis e da técnica da linóleogravura, relacionando com as diferentes texturas que são apresentadas no grafite.

3.1. A Arte urbana à primeira vista

Iniciamos nossa análise partindo da visão do professor e sua familiaridade com o ensino das Artes na Educação Infantil e percebemos como a professora polivalente da pesquisa compreende esse campo do conhecimento. Em conversa informal com a docente da turma, ela nos apresentou os campos do conhecimento que estavam sendo trabalhados com os alunos, informando que estava trabalhando com as áreas de português e matemática, logo se justificou, “por que muitos não conhecem as letras e os números”, voltei a questionar sobre a possibilidade de trabalhar outras áreas do conhecimento e novamente escutei “não temos tempo para trabalhar com essas coisas não”. Em seguida, apresentei minha proposta de intervenção, como uma proposta diferente da que normalmente era vivenciada em sala.

Neste pequeno relato sobre a fala do professor, quero destacar o que acontece na realidade de muitas salas de aula da educação infantil, os conteúdos de Artes ou vai ser estar aparecendo como coadjuvante nas práticas pedagógicas ou vai ser “deixado de lado”, essas situações acabam acontecendo, de não reconhecer o campo do conhecimento nas Artes, isso se dá pela falta de incentivo no processo formativo do profissional e até mesmo essas faltas de experiência é reflexo na educação de base do professor, se pensarmos o quanto é difícil dá algo não temos e ainda por cima se ninguém nos ensinar como fazer, fica muito difícil esperar algo do professor se ele não teve nenhuma experiência. Essas lacunas que existem em suas práticas docentes, é o reflexo de toda uma história de vida, e para que esse caminhar pedagógico possa ser diferente ressaltamos o quanto é relevante o processo formativo pós formação acadêmica pois assim o professor se atualiza e preenche suas lacunas inexperientes, sendo assim, suas práticas pedagógicas possam não só ensinar as crianças a reconhecer códigos mas que essas práticas possam ser planejadas interdisciplinarmente e cada campo do conhecimento seja alcançado e o ensino da Arte possa estar em seu local de direito, contribuindo com a construção humana da criança.

Quando intitulo este tópico “à primeira vista com Arte urbana” é o primeiro contato das crianças e da professora, com as Artes sendo a protagonista da aula e a Arte do grafite sendo o “abre alas” de um universo diferente de ver o mundo.

Devemos enquanto professores incentivar e mostrar as possibilidades de trabalhar campos da experiência que são por direito de aprendizagem das crianças, criando estratégias que elas possam vivenciar.

Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) respalda os direitos de aprendizagem e desenvolvimento da Educação Infantil, nos seguintes tópicos:

- Conviver com outras crianças e adultos, em pequenos e grandes grupos, utilizando diferentes linguagens, ampliando o conhecimento de si e do outro, o respeito em relação à cultura e às diferenças entre as pessoas.
- Explorar movimentos, gestos, sons, formas, texturas, cores, palavras, emoções, transformações, relacionamentos, histórias, objetos, elementos da natureza, na escola e fora dela, ampliando seus saberes sobre a cultura, em suas diversas modalidades: as artes, a escrita, a ciência e a tecnologia.
- Expressar, como sujeito dialógico, criativo e sensível, suas necessidades, emoções, sentimentos, dúvidas, hipóteses, descobertas, opiniões, questionamentos, por meio de diferentes linguagens.
- Conhecer-se e construir sua identidade pessoal, social e cultural, constituindo uma imagem positiva de si e de seus grupos de pertencimento, nas diversas experiências de cuidados, interações, brincadeiras e linguagens vivenciadas na instituição escolar e em seu contexto familiar e comunitário.

Em meio às incertezas de como seria o acolhimento da docente e das crianças, aconteceu a primeira vivência, foi mágico. Gerou um certo movimento na sala, por ter tantas imagens diferentes expostas. Muitas perguntas surgiram: “o que é isso, tia?”, “eu vou querer esse”, essas foram algumas frases colocadas pelas crianças.

Em roda de conversa, buscamos ouvir primeiro as impressões das crianças frente às imagens ali distribuídas. Muitas começaram a descrever o que continha nas imagens, como: cor, forma e representações. Essas primeiras observações dizem muito sobre as competências estéticas no qual essas crianças se encontram, segundo Abigail Housen esses leitores se encontram no estágio narrativo descritivo “são impressionáveis pelo tema, que se torna um guia para ler o quadro. As formas e as cores mais manifestas são sempre mencionadas” (RIZZI, p. 20, 2011).

Em seguida, informei a eles que todas aquelas imagens são produções artísticas, que profissionais que trabalham com Arte utilizam essa manifestação artística para passar para a sociedade mensagens. Ao finalizar a explicação um aluno, imediatamente falou “tia, tem uns desenhos pintados na frente da escola” e justamente no muro da escola tinha representações de figuras da nossa cultura, como caboclo de lança, passistas, Chico Science entre outros.

Este leitor que engatinha no mundo das Artes, ele vai destacar o que chama a atenção das cores e as formas, e é comum acontecer de relacionar com uma experiência anterior, que

no caso das crianças, logo remeteu a entrada da escola.

As evoluções das competências estéticas não acontecem de uma hora para outra, por isso a necessidade de estarmos criando experiências estéticas para que as crianças possam vivenciar e apreender melhor tudo ao seu entorno.

As crianças percebem tudo que as rodeia, porém não é conduzida a “aguçar a percepção da cultura visual em que estamos inseridos”, para que isso ocorra é preciso promover experiências estéticas, oferecendo condições para vivências e leituras das expressões culturais de modo crítico e reflexivo (SANTINI; VASCONCELOS; 2009).

A quanto tempo as produções artísticas estavam na frente da escola e nunca ninguém tinha falado, sobre o que era, quem fez, o que representava. Por isso, novamente ressalto a necessidade de ampliar os horizontes das crianças, assim conseguiremos construir conhecimentos sensíveis, carregados de significados.

Buscamos organizar os desenhos por semelhanças entre os elementos percebidos pelas crianças frente as grafitagens expostas. Propomos uma releitura elaborada pelas crianças, com inspiração nos direitos específicos de aprendizagem em Artes Visuais segundo o PNAIC (2015, p.46).

Eixo Contextualizar	Eixo Leitura de Imagens	Eixo Fazer
Compreender as Artes Visuais como uma atividade de produção de conhecimento com vinculação estética que sofre influência do contexto histórico, social, cultural e político no qual ela foi produzida.	Identificar a diversidade estética, artística, étnico-racial e de gênero em diferentes produções artístico-culturais.	Vivenciar atividades artísticas que explorem a percepção estética a partir do diálogo interdisciplinar da Arte com diferentes áreas de conhecimentos e com as visualidades contemporâneas local, nacional e internacional.
Conhecerem, pessoalmente ou por meio de relatos, contação de histórias, leituras de livros, filmes, diferentes artistas visuais de diferentes épocas, culturas, contextos		Representar ideias, fatos, conhecimentos, por meio da produção de imagem que assuma a linguagem artística visual.

Abaixo algumas grafitagens e releituras realizadas pelas crianças:



Imagem 12- Bozó Bacamarte Fonte: Gramho



Imagem 13- Criança A Fonte: Arquivo pessoal da autora



Imagem 14- Arem



Imagem 15- Criança B Fonte: Arquivo pessoal da autora

Podemos perceber nas releituras realizadas pelas crianças, que elas possuem a sensibilidade no olhar em perceber os elementos da linguagem da arte, como:

- Linha
- Cor
- Espaço
- Composição (equilíbrio e desequilíbrio)
- Corpo
- Movimento
- Espaço

Nas imagens 3 e 5 trazemos dois estilos de grafites diferentes, o primeiro com desenhos de figuras do carnaval pernambucano, com traços da xilogravura em seus traços

e cores vibrantes e na imagem 5 o estilo já se diferencia pois não apresenta nenhum desenho e sim a palavra “Arem” grafitada com o jogo de cores.

Como realizar a releitura é não perder a essência da obra, vemos que a criança A da imagem 13 destaca as cores da obra, espaço e as figuras do carnaval e a criança B fez uso da sua condição criativa, criando o desenho de uma paisagem com uma boneca no centro do desenho.

Este leitor normalmente olha a imagem rápida e superficialmente. devido à não familiaridade com trabalhos de arte, a sua atenção para as imagens é muito fortuita. Não há tempo para o surgimento de um envolvimento emocional entre obra e leitor e, por isso, ele não fala com muito entusiasmo sobre o que está vendo. Sentimentos de profundidade, complexidade e intensidade não aparecem neste estágio. Mas, mesmo que não aconteça um engajamento, toda a imagem vista torna-se um catalisador, que ativa as percepções do leitor para um próximo encontro com a arte. Para Hausen, esta experiência não desaparece sem deixar vestígios (RIZZI, p.21, 2011).



Imagem 16- Cajú



Imagem 17- Criança C
Fonte: Arquivo pessoal da autora



Já na releitura da criança C ela adiciona um elemento a mais no seu desenho que é o registro do seu nome, que é a primeira concepção identitária social e assim como o desenho do artista Cajú que apresenta a metade das mulheres, ela faz o mesmo com seu nome Maria, Ma, Ria. “A produção das crianças, assim como as obras dos artistas, possibilita troca de percepções ideias, informações e conhecimentos. São verdadeiros momentos de experiências que podem ser compartilhadas” (BARBIERI, 2012, p. 43). As crianças começam a perceber que essa produção artística faz parte do seu mundo e caminham em companhia do seu imaginário, a cada releitura apresentada nos mostram como suas realidades se aproximam com os grafites.

Diante das releituras apresentadas pelas crianças pode-se observar que existem aspectos homogêneos e diferentes. Que conforme Romeu apud Minayo (2016), ao analisarmos e interpretarmos informações geradas numa pesquisa qualitativa e nesse caso analisando os resultados de uma ação interventiva com crianças, devemos caminhar na direção interpretativa tanto do que é homogêneo quanto do que se diferencia de acordo com a realidade social dos envolvidos na ação.



Imagem 20- Bozó
Fonte: Instagram

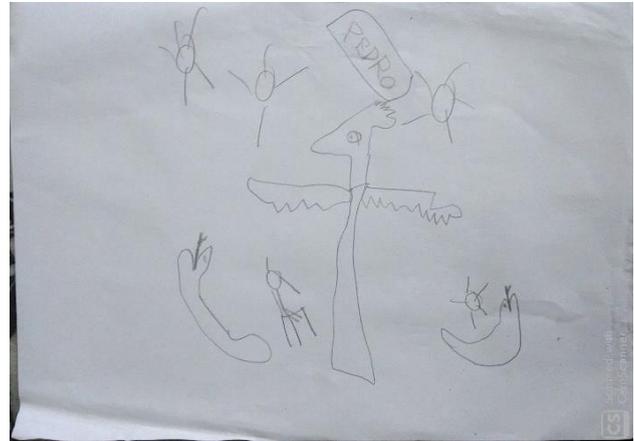


Imagem 21- Criança E
Fonte: Arquivo pessoal da autora

Neste último bloco de imagens, trazemos o olhar da criança para os elementos da natureza e sua lembrança com os animais que estavam na casa da sua avó e dos seus sentimentos quando estava com sua família. Então, podemos perceber que apesar de ter levado uma produção artística conseguimos alcançar diversos sentimentos, lembranças, imaginação e é justamente essa educação estética que buscamos plantar nessas crianças que tudo que passe em suas vidas não olhe superficialmente, mas sim resgate memórias.

O olhar sensível das crianças a respeito do que está ao seu redor, no que acontece no seu cotidiano, faz com que as crianças possam trocar ideias, informações e conhecimentos tornando experiências significativas para sua formação pessoal.

3.2 A vida e Arte urbana no cotidiano das crianças

Nesta seção buscamos descrever a segunda vivência proposta na nossa pesquisa. Relacionamos o cotidiano das crianças a partir do campo artístico do graffiti com os desenhos a lápis e a técnica da linóleogravura, destacando as diferentes texturas que são apresentadas no graffiti.

Pensamos primeiramente em realizar a atividade em uma parede da escola, para podermos criar sentido aos suportes em que os grafites eram realizados, porém devido a questões pessoais da pesquisadora não foi possível realizar, sendo assim a atividade foi vivenciada em sala.

No segundo dia de vivência com as crianças, pudemos realizar no primeiro momento a leitura da história “Quero colo!” de Stela Barbieri, onde foi possível trabalharmos de maneira interdisciplinar a partir dos eixos propostos pelo RCNEI, segue abaixo os eixos e os conteúdos aplicados nas intervenções:

- Linguagem oral e escrita- Contação da história, roda de conversa, escrita do nome das crianças;
- Identidade- Identidade das crianças, quem são e quem são seus familiares;
- Artes visuais- Arte Urbana (grafite), cor, espaço e forma; leitura e releitura de imagem, linóleogravura (gravura);
- Sociedade - Diversidade das famílias.

Sendo assim, buscamos não só trabalhar com o ensino da Arte, mas sim trabalhar interdisciplinarmente, pois acreditamos que o ensino deve ser ilimitado, dinâmico e qualitativo no envolvimento entre duas ou mais disciplinas.

Trazemos as representações das crianças em forma de desenho, a partir da inquietação levantada sobre “O colo que as crianças mais gostavam de estar”. Apesar do curto período de vivência pudemos perceber a diversidade dos arranjos familiares e alguns desenhos nos levou a pensar sobre as possíveis carências afetivas dessas crianças.

Separamos em dois blocos os desenhos, para apresentarmos como esse contexto familiar é sentido pelas crianças. Neste primeiro bloco iremos nos deparar com mulheres acompanhadas de crianças.

Quando falamos em vivência humana nos deparamos com uma diversidade de contextos familiares no qual essas crianças vivem, nesta vivência percebemos o quão sensível são esses espaços. Após a leitura do livro “Quero colo!” não só foram despertados os elementos visuais expostos na história, mas a história de cada um, o olhar sensível, que a educação estética tanto fala foi ativado.

Investir-se numa educação do sensível significa não somente o desenvolvimento de pessoas mais plenas e inteiras em seu contato (pessoal e profissional) com o mundo, mas também a criação daquelas bases humanas sobre as quais poder-se-á erigir novos parâmetros do conhecimento, sejam eles chamados de transdisciplinares ou holísticos. E ainda a educação do sensível deverá, de maneira reflexa, implicar numa educação mais sensível em si própria, isto é, menos interessada na quantidade de informação a ser transmitida do que na qualidade de formação daqueles a ela submetidos (DUARTE JR, 2001, p. 34).



Imagem 22- Criança F
Fonte: Arquivo pessoal da autora



Imagem 23- Criança G
Fonte: Arquivo pessoal da autora



Imagem 24- Criança H
Fonte: Arquivo pessoal da autora



Imagem 25- Criança I
Fonte: Arquivo pessoal da autora

Ao conversar com algumas crianças percebemos em seus diálogos que as responsáveis das famílias, eram mulheres mães, tias e avós que se desdobram para cuidar de seus filhos e outros responsáveis afetivos.

Perguntamos à criança F quem estava no desenho, ela disse: - sou eu e minha vó. “Tia, a gente passeia que só”. Já a criança H e a criança I representam a mãe nos desenhos e até em conversa na sala, o quanto suas mães a protegem. Podemos perceber nesses dois desenhos como a criança se vê, ainda muito pequena sendo ninada no colo e a outra na barriga da mãe. Já a criança I mostra a mãe com seus dois filhos atravessando a avenida para chegar em algum lugar.

A partir dessas descrições a respeito dos desenhos, podemos perceber que o papel das mulheres como protagonistas nessas famílias é muito forte, onde muitas são o porto seguro. Através do desenho, conseguimos entender um pouco sobre este contexto.

O desenho é o conjunto das atividades humanas que desembocam na criação e fabricação concreta, em diversos materiais de um mundo figurativo. Estas figuras podem ser feitas de formas carregadas de emotividade e afetividade

de formas codificadas, signos de uma linguagem elaborada. Elas exigem, para sua fabricação, da colaboração das mãos dos olhos, de instrumentos, de técnicas e de materiais (PORCHER, 1982, p.102).

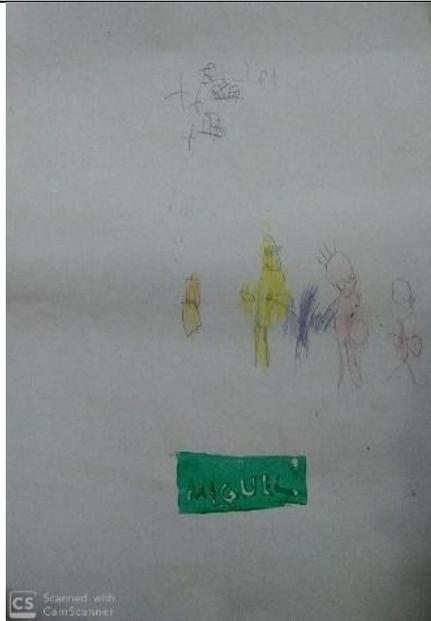


Imagem 26- Criança J Fonte: Arquivo pessoal da autora



Imagem 27- Criança K Fonte: Arquivo pessoal da autora



Imagem 28- Criança L Fonte: Arquivo pessoal da autora



Imagem 29- Criança M Fonte: Arquivo pessoal da autora

Os desenhos acima representados, já apresentam um contexto um pouco diferente do que visto anteriormente. Quero destacar a imagem 29, esta criança apresenta espectro autista e ao realizar a atividade aparentemente não estava prestando atenção nas orientações da atividade, mas assim que disponibilizamos os materiais necessários para a atividade, ele representou sua família. O que nos chamou mais atenção foi a apresentação da figura feminina e masculina, destacando os órgãos genitais. Podemos mais do que nunca reafirmar o quanto as crianças observam e reproduzem tudo que é percebido em seu meio social. Levando em consideração esses aspectos, o professor no seu papel de mediador terá a função de criar pontes para o conhecimento do que o aluno já conhece e possa se aprofundar e também para o que o aluno conhecerá.



Imagem 30- Criança N
Fonte: Arquivo pessoal da autora

Outro desenho que nos provoca a pensar sobre os possíveis contextos familiares desenhados pelas crianças é a imagem 30, ao conversar com a criança a respeito de sua obra, ele conta que está acontecendo muita coisa com sua família. Para entendermos um pouco essa criança, ele reside com sua avó, tem o entendimento que sua mãe o abandonou junto com o irmão e constituiu outra família. Voltando para os detalhes do desenho percebemos violência, ele sozinho, o desenho sem cor que foi uma das escolhas do aluno. Essa realidade apresentada

pela criança é uma das realidades que frequentemente encontramos em crianças que estão em situação de vulnerabilidade social e me questiono quando nos deparamos com essa situação o que fazer, já que meu momento nesse ambiente é tão pouco. Trago para as minhas análises como forma de mostrar que nos desenhos encontramos muitas vezes a realidade que não é falada e essa realidade que fica na imaginação da criança. Enquanto nós educadores não provocarmos a diferença na vida das crianças vai ser muito difícil ela enxergar que é possível escrever uma história diferente daquela que é vivida.

A arte pode consistir num precioso instrumento para a educação do sensível, levando nos não apenas a descobrir formas até então inusitadas de sentir e perceber o mundo, como também desenvolvendo e acurando os nossos sentimentos e percepções acerca da realidade vivida (DUARTE JR., 2001, p. 23).

Temos que ser educadores que estimulem a sensibilidade das nossas crianças para que cada uma desperte o seu melhor dentro de si. Cada ser carrega uma história e devemos oferecer nosso afeto e conhecimento para que se escreva uma história linda e brilhante. Às vezes um pequeno gesto pode mudar toda uma estrutura social.

3.3. Contribuições estéticas a partir das práticas pedagógicas do ensino da Arte com crianças

Iniciamos nossa pesquisa com o objetivo de alcançar as crianças com a nossa intervenção e o que conseguimos ao longo do processo foi a autorreflexão da docente sobre suas práticas pedagógicas. Sair da nossa zona de conforto às vezes é bem difícil, mas sempre teremos a possibilidade de descobrir e fazer nossas ações diferentes para uma melhor vivência pedagógica em sala de aula.

A experiência estética toca nossa sensibilidade pensante, onde devemos ter um pensamento sensível, ou seja, enquanto educadores em sua posição de mediador, devemos ser capazes “de criar situações em que, possamos ampliar nossa leitura e a compreensão de homens e mulheres sobre o mundo, sua cultura. Capaz ainda, de abrir diálogos internos, enriquecidos pela socialização dos saberes e das perspectivas pessoais de cada aprendiz” (BARBOSA,2007,p.56). Sendo assim, podemos entender as experiências com a Arte como

um processo de entendimento e formação que leva em consideração os campos das emoções despertadas nas crianças.

Portanto, pensar esteticamente para a Educação Infantil é propor situações e espaços que possam levar as crianças a questionamentos da realidade existente e vivida, desta forma, consideramos que alcançamos nosso objetivo ao longo da pesquisa, intervindo em um ambiente que nunca experimentou vivenciar essa metodologia educativa. A dimensão estética e cognitiva do conhecimento artístico é peculiar, faz aflorar a sensibilidade, favorece a reflexão, conjuga destrezas, prazer, entretenimento. Além disso, valoriza e potencializa cada um desses elementos, porém, para que esta potência se realize, é necessário recobrir o assombro do próprio educador da infância e repensar a divisão sensível (OLIVEIRA, 2014, p.106).

Planejar momentos para crianças com Arte urbana, especificamente o grafite é ligar dois mundos que se assemelham, pelo universo da criança como o do artista, pois percebem as coisas ao seu redor de maneira diferente, ou seja, sua percepção sensível permite ressignificar o mundo através de formas, desenhos, pinturas, nos apresentando muitas vezes suas realidades e sonhos. Quando paramos para refletir sobre a educação estética que devemos propor às crianças, é justamente pensar que as mesmas não só estão no ambiente educativo para ter conhecimento das técnicas e obras de Arte consideradas importantes, mas sim as questões emocionais, afetivas, sociais e culturais do estudante.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar sobre Educação Estética nos fez repensar em como nós podemos apreciar o mundo a nossa volta, pois a estética pode ir desde uma apreciação a um fenômeno natural a uma apreciação em um espaço expositivo, mas o que vai ser de diferente nisso tudo é nossa compreensão sensível-cognitiva a respeito do que nos foi apresentado.

Em nosso referencial teórico nos respaldamos com documentos legais que asseguram a importância e a necessidade do ensino de Arte na educação infantil. Logo nos remetemos à realidade encontrada na escola que foi completamente diferente, chegando ao ponto de que os estudantes não eram privilegiados com o campo do conhecimento em Artes.

Conduzimos nossa metodologia descrevendo detalhadamente o percurso das nossas intervenções inspiradas na pesquisa-ação, a fim compartilhar com futuros pesquisadores uma sugestão de modelo para ser vivenciado na educação infantil, já que tivemos um pouco de dificuldade em encontrar trabalhos nessa perspectiva.

O ensino de Arte na Educação Infantil ainda luta para ser respeitado para ter seu lugar de direito, porém acreditamos que essa pesquisa interventiva não só possa contribuir para práticas pedagógicas, mas também que sirva de inspiração para um ensino de Arte ativo e participativo para crianças.

Nossa pesquisa tinha o objetivo analisar esse olhar estético das crianças, e podemos perceber que esse olhar é um olhar com sentimento, que no balanço das idas e vindas descobrimos alegrias, tristezas, personalidades, técnicas, cores, formas, gestos, faltas e excessos, tudo isso por meio da Arte. Então, se espera que este trabalho possa servir de inspiração para os educadores propor práticas pedagógicas humanizadoras e assim possam buscar levar em consideração o afeto, o respeito pelo estudante e o amor pela profissão.

REFERÊNCIAS

BARBIERI, Stela. **Interações: onde está a arte na infância?**. São Paulo, Blucher, 2012.

BARBOSA, Ana Mae. **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2002.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**. A arte no ciclo de alfabetização. Caderno 06 / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Brasília: MEC, SEB, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **Fundamentos estéticos da educação**. 2 ed. Campinas, SP. Papyrus, 1988.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. 2. ed. Curitiba: Criar, 2001.

DUTRA, Lidiane; MAIO, Ana Zeferina Ferreira; RACHE, Rita Patta. **Os Estágios Do Desenvolvimento Estético Segundo Abigail Housen**. Netsaber, 2020. Disponível em: <http://artigos.netsaber.com.br/resumo_artigo_4325/artigo_sobre_os-estagios-do-desenvolvimento-estetico-segundo-abigail-housen>. Acesso em 15 de julho de 2020.

ENGEL, Guido Irineu. **Pesquisa-ação**. Disponível em: <http://www.educaremrevista.ufpr.br/arquivos_16/irineu_engel.pdf>. Acesso em: 26 de junho de 2016 FERRAZ, 2010, p. 77)

GITAHY, Celso. **O que é graffiti**. São Paulo. Brasiliense: Coleção Primeiros Passos, 1999.

NASCIMENTO, Joyce Marcelle Guerra. SOUZA, Ana Paula Abrahamian de. **Arte popular à primeira vista: relato de uma experiência na educação infantil**. Educação, movimentos sociais e direitos humanos: epistemologias subversivas. No prelo.

MINAYO, M.C. de S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2016

LOPONTE, Luciana Gruppelli. **Arte e metáforas contemporâneas para pensar infância e educação**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, vol.13, no.37, Jan./Apr. 2008.

OLIVEIRA, Keyla Andrea S. **Possibilidades da experiência estética na educação da infância: uma proposta com leitura de imagens**. Curitiba: Appris, 1 ed, 2014.

POLÍTICA DE ENSINO DA REDE MUNICIPAL DO RECIFE: ensino fundamental do 1º ao 9º ano / org. Jacira Maria L'Amour Barreto de Barros, Katia Marcelina de Souza- Recife: Secretária de Educação, 2015.

PONTES, Gilvânia Maurício Dias de. **Reflexões sobre a experiência estética na educação.** Revista GEARTE, Porto Alegre, v. 2, n. 2, p. 203-212, ago. 2015. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/gearte>>

PORCHE, Louis. **Educação artística: luxo ou necessidade?** São Paulo: Summus, 1982.

REIS, Sebastiana Lindaura de Arruda; BELLINI, Marta. **Representações sociais: teoria, procedimentos metodológicos e educação ambiental.** Maringá, v.33, n. 2, p. 149-159, 2011.

RICHTER, Ivone Mendes. **Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.

ROSSI, Maria Helena Wagner. **A compreensão do desenvolvimento estético.** In: Analice Dutra Pillar. *Educação do Olhar no Ensino das Artes.* 6ª ed. Porto Alegre, RS. Editora Meditação, 2011.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa ação.** 7ed. São Paulo: Cortez, 1996

VIDAL, Fabiana Souto Lima; SILVA, ROSSANO. **Afinal, o que é essa formação estética?.** In: Secretaria de Educação Básica do Brasil. *Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa.* A arte no ciclo de alfabetização. Caderno 06 / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Brasília: MEC, SEB, 2015.

VIDAL, Fabiana Souto Lima. SILVA, Rossano. CARVALHO, José Ricardo. **O ensino das Artes no ciclo da alfabetização.** In: Secretaria de Educação Básica do Brasil. *Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa.* A arte no ciclo de alfabetização. Caderno 06 / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Brasília: MEC, SEB, 2015.